

O OLHAR SOBRE A FIGURA FICTÍCIA DA MULHER/NEGRA: “SOU RITA BAIANA SENSUALIDADE NÃO ME DEFINE”.

Autora: Marcilene Pereira Barbosa

Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba - Campus III-Guarabira

E-mail: marcilene.mpb@hotmail.com

Orientadora: Profª Drª Alômia Abrantes da Silva

Universidade Estadual da Paraíba - Campus III-Guarabira

Palavras-chave: gênero - história cultural - literatura

A Trajetória Azevediana

Aluísio Tancredo Gonçalves Azevedo nasceu em 1857, seu nascimento foi a confirmação de um casamento que provocou escândalo na conservadora São Luís (MA); sua mãe abandonou o marido e foi viver com o vice-cônsul do governo português sem se casar. Aos 17 anos ele mudou-se para o Rio de Janeiro, quando foi estudar na Academia de Belas-Artes; em pouco tempo passou a colaborar com o sucesso como caricaturista e poeta em alguns jornais e revistas. Com a morte de seu pai, regressou ao Maranhão e passou a trabalhar na imprensa local. Em 1880, publicou seu primeiro romance, “Uma lágrima de mulher”, ainda em estilo romântico e exageradamente sentimental, no entanto, após sua estréia, ele lançou *O mulato* (1881), a referida obra fê-lo ganhar a antipatia da gente da sua terra, pois o romance naturalista retrata a vida e os costumes maranhenses; vale ressaltar que o livro foi publicado no auge da campanha abolicionista e provocou enorme escândalo.

Aluísio Azevedo deu seguimento as suas publicações em jornais e revistas, com caricaturas, contos, críticas e novelas; ainda fez uma tentativa de lançar um periódico anticlerical em São Luís, intitulado “O Pensador”, mas a reação hostil da sociedade provinciana e do clero fez com que ele retornasse definitivamente ao Rio de Janeiro. Em 1884, lançou “*Casa de Pensão*” e, em 1890, “*O cortiço*”, considerado sua obra-prima.

Em 1895, abandonou definitivamente a literatura e ingressou na carreira diplomática através de um concurso. Esteve em diversos países, Espanha, Japão, Uruguai, Inglaterra, Itália, Paraguai e Argentina. Foi membro fundador da Academia Brasileira de

Letras (cadeira nº. 4), morreu em 21 de janeiro de 1913, em Buenos Aires, Argentina, onde ocupava o posto de vice-cônsul do Brasil.

Aluísio Azevedo e suas obras

A produção literária deixada por Aluísio Azevedo é heterogênea. Ora publicava folhetins românticos, ora romances naturalistas de forte conteúdo racial e de classe, a ambição do enriquecimento fácil, os problemas morais, as injustiças e misérias sociais. Muitas das suas personagens são seres insignificantes e não é raras descrições e homens e mulheres comparados a animais irracionais. As suas obras dividem-se em:

- **Romances românticos:** *Uma lágrima de mulher* (1880), *Mistério da Tijuca* (ou *Girândola de amores*) (1882); *Memórias de um condenado* (ou *A Condessa Vésper*) (1882); *Filomena Borges* (1884); *A mortalha de Alzira* (1894).

- **Romances naturalistas:** *O mulato* (1881); *Casa de pensão* (1884); *O homem* (1887); *O cortiço* (1890); *A coruja* (1890); *Livro de uma sogra* (1895). Ainda escreveu contos, peças teatrais e crônicas.

Sob a influência de Zola e Eça de Queirós¹, buscou interpretar o contexto social do Brasil no século XIX, tendo como base as teorias científico-filosóficas, preocupando-se com o pormenor científico, com a patologia das suas personagens e com a burguesia decadente.

Os seus romances naturalistas, dentre os quais se destacam *O mulato*, *Casa de pensão* e *O cortiço*, são de grande importância e se opõem as obras românticas que publicou alternadamente para atender às suas necessidades econômicas, fazendo concessões a uma classe de leitores ainda habituada ao romantismo piegas.

O escritor não foi um criador de tipos, o social e o coletivo (a cidade, as habitações coletivas) destacam-se mais do que as suas personagens e embora a sua obra-prima do naturalismo brasileiro, "*O cortiço*" narre a trajetória de João Romão, homem ambicioso, capaz de tudo para obter status econômico e social. Paralelamente, entrelaça as histórias dos moradores do cortiço São Romão_ entre eles o português Jerônimo e a sensual mulata Rita Baiana_ e sua luta diária pela sobrevivência; observamos como a figura carregada de rotulações ligada ao campo da sensualidade irá definir estereótipos sobre a mulher/negra na sociedade patriarcal no século XIX, mais precisamente no Rio de

Janeiro, aonde se ver a figura da mulata como um dos ícones de sua representação. Antes de se tornar escritor, já ressaltamos que Aluísio Azevedo pensava em ser pintor. Talvez por isso o grande destaque estilístico em “*O cortiço*” seja a descrição minuciosa dos ambientes e dos personagens, de modo a formar um quadro de cores, formas e cheiros.

Rita Baiana: Suas práticas vista como libidinosas

No primeiro capítulo do enredo do livro *O cortiço* nos deparamos com o estilo naturalista da obra e iremos perceber como o ser humano será sujeitado à influência da raça, do meio e do momento histórico e embora o trabalho se foque na figura de Rita Baiana, já iremos visualizar como o preconceito racial irá demarcar o contexto; o capítulo I já começa a fazer referência a distinção racial e como esse sentido de superioridade faz parte do imaginário do momento histórico e é a partir dessa citação que iremos trabalhar nessa desconstrução da imagem da Rita Baiana, pois essa representação que fazem do seu corpo é interligado as teorias científicas² do século XIX essa obra retrata essa diferenciação:

“(…) Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua”.(AZEVEDO, Cap. I).

A referida citação já abre um patamar de reflexões e nos faz ver que os negros eram vistos por si mesmo como seres inferiores, no entanto, o conhecimento científico, antes de ser produto do lugar acadêmico também advém do lugar social, político e ideológico, uma vez que os cientistas sociais são sujeitos inseridos numa sociedade marcada pelo conflito, e pelas relações de poder, logo suas análises e interpretações acerca dos sujeitos sociais não prescindem da realidade na qual estão inseridos e contribuem ou não para a manutenção de estereótipos, imagens e conceitos acerca dos sujeitos de quem se fala.

Dirigiremos nossa atenção a Rita Baiana e sua presença se faz a partir do capítulo III da obra, na qual ela é tema da conversa de suas amigas de profissão, ou seja, as lavadeiras³, elas diziam que a Rita era doida, que era uma pessoa boa, mas que era muito assanhada e que o fogo parecia que tomara conta daquela mulata e que agora ela se encontrava pior, pois devido ao seu envolvimento com o mulato Firmo, a lavadeira Rita só queria viver de pagode e viola, o seu defeito era a vadiagem.

A chegada de Rita Baiana depois de meses fora do cortiço, faz que todo o cortiço se encha de alegria, no entanto, quando a baiana chega ela é recebida com as seguintes palavras:

“- Olha! quem aí vem!

-Olé! Bravo! É a Rita Baiana!

-Já te fazíamos morta e enterrada!

- E vão é que o demo da mulata está cada vez mais sacudida?...

- Então, coisa-ruim! por onde andastes atirando esses quartos?

- Dessa vez a coisa foi de esticar, hein?! “ (AZEVEDO, Cáp. VI).

No andar da carruagem, a obra azevediana ressoa os estereótipos da Rita e se faz questão em frisá-la com suas características interligadas ao campo de sensualidade e ao mesmo tempo associam a sua nacionalidade a consequência de sua lascividade:

“(...) No seu farto cabelo, crespo e reluzente puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinado”. (AZEVEDO, Cáp. VI).

A imagem de Rita a todo tempo no enredo é distinta das demais companheiras do cortiço e é aí que podemos fazer as problematizações do grupo as qual ela se relaciona, pois embora trabalhamos nessa perspectiva de grupos sociais, cada um tem suas subjetividades e cada sujeito tem suas particularidades; Rita era mulher de características distintas, no entanto, não podemos rotuladas como inferiores, a nossa personagem faz parte de um momento histórico do cenário brasileiro aonde as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais se fazem demarcantes para entender o processo histórico, ou seja, a publicação do sétimo romance de Aluísio Azevedo_ *O Cortiço*_, em 1890, ocorre em um momento em que a Abolição da Escravatura, Proclamação da República, desagregação da estrutura colonial escravista e transição para o trabalho

assalariado⁴ são vivenciados, fazendo com que os indivíduos circulem em espaços distintos e quebrem com essa linearidade do conceito positivista do século XIX.

Pensar as relações femininas no século XIX vai muito além de uma mera constatação. Permeada pela construção de modelos a serem seguidas nesse século,

elas ganharão então outras vozes e discursos a partir de seu próprio mundo. Encarada como a continuação da casa e dos filhos, troféu do marido será o anteparo entre o lar e a rua, entre o sacro e lascivo, sendo exibida a exibe na sociedade enquanto procriadora e cabide. A própria idéia da feminilidade será estabelecida por seus discursos, e atestada pela sociedade que virá na mulher o equilíbrio de forças quase que perfeito para justificar o espírito repressor que opera nos discursos.

Rita, no entanto, não é o modelo esperado por essa sociedade patriarcal, ela é descrita como uma mulher diferente desse moldes criados para a imagem da mulher, os quais deveriam ser: a mãe, esposa, passiva, romântica e que se fosse solteira deveria ser virgem⁵; esse é o papel moldado para a mulher branca e burguesa e é aí que vemos como as “Outras” mulheres não adquirem visibilidade. Rita é uma mulher pertencente à outra classe social, ela é lavadeira que reside em um cortiço e esse espaço é cheio de multiplicidades, pois a sua moradia era constituída de vários sujeitos e todos eles tinham vidas, idades, personalidades, profissões e nacionalidades distintas e cada um se comportará a partir dessas diferentes formas de encarar as normas propostas pela sociedade.

Embora todos estejam inseridos na cidade do Rio de Janeiro, no cortiço São Romão, eles irão encarar as práticas normativas de maneiras opostas; Rita não é uma figura que visa o casamento e esse é o primeiro ponto que coloca em foco as suas sensibilidades e ela própria cita isso em suas falas quando é indagada ao respeito do assunto:

“ – Mas por que não te metes tu logo por uma vez com o Firmo? por que não te casas com ele?

“ – Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar? Livre! Para quê? Para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo, pensa logo que agente é escrava! Nada! qual! Deus te livre! Não há como viver cada um senhor e dono do que é seu!” (AZEVEDO, Cáp. VI).

As suas escolhas enquanto mulher não era aquelas ditadas pela sociedade, ela era uma mulher independente, trabalhava para se sustentar, morava sozinha desde que ficou órfã; vivia no quarto 9 daquele cortiço. Não estou querendo afirmar que as mulheres que tinham a “mesma” vida da nossa personagem agissem dessa maneira, quero demonstrar que Rita era uma mulher que havia escolhido viver os seus amores, mas que não queria casamento de maneira formal; ela desfrutava de seus impulsos e desejos espirituais e corporais, no entanto, isso não era uma maneira libidinosa.

De qualquer maneira, vale ressaltar que os pensamentos machistas e preconceituosos, que foi expresso pela tradição oral de que a cor da pele da mulher

definia a específica função a que estaria destinada é um discurso produzido nos anos quinhentistas e ele ressaltava que: “Branca para casar, negra p’ra trabalhar, mulata p’ra fornicar”⁶.

Desse discurso, surgiu o mito de que a mulher de cor era mais “quente”, sexualmente e essa voluptuosidade será retratada em toda a produção d nosso autor; até quando Rita mostra sua cultura em forma de representação artística ela é encarada como uma prática de sedução e ele narra que:

“Foi um forrobodó valente. A Rita Baiana, essa noite, estava de veia para a coisa; estava inspirada! divina! Nunca dançara com tanta graça e tamanha lubricidade!

Também cantou. E cada verso que venha da sua boca de mulata era um arrulhar choroso de pomba no cio. E o Firmo, bêbado de volúpia, enroscava-se todo ao violão; e o violão e ele gemiam como o mesmo gosto, grunhindo, ganindo, miando, com toda as vozes de bichos sensuais, num desespero de luxúria que penetrava até o tutano com línguas finíssimas de cobra.

Jerônimo não pôde conter-se: no momento em que a baiana, ofegante de cansaço, caiu exausta, assentando-se ao lado dela, o português segredou-lhe com a voz estrangulada de paixão:

-Meu bem! se você quiser estar comigo, dou uma perna ao demo!” (AZEVEDO, Cap. X).

A mulata foi construída como objeto de prazer e quando sua relação com o português Jerônimo se consolida, será os traços dessas práticas de alienação causada pelo corpo da nossa personagem, que irá explicar o por que de um homem visto como raça superior ter se integrado a esse desejo:

“(...) Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranqüila seriedade de animal bom e forte, o sangue de mestiça reclamou os seus direitos de apuração. O cavaqueiro, pelo seu lado cedendo às imposições mesológicas, enfarava a esposa, sua congênere, e queria a mulata, porque a mulata era o prazer, era a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívia de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes”. (AZEVEDO, Cap. XV).

A visão eurocêntrica se apresenta como narrativas que demarcaram os lugares e os sujeitos, nisso constatamos a figura de Rita como a mulata brasileira, sedenta de prazer que consegue introduzir o “mal” no português a partir do pecado da carne, pois essa era a única forma dessa raça tida como inferior conseguir mexer com o imaginário do europeu. E essa sua função ficará mais confirmada, porque o casamento é uma

instituição sacra para o contexto da época e o fato do Jerônimo ser um senhor casado e pai de uma filha, deixa a condição de Rita mais interligada ao papel de leviana.

Porém, Jerônimo também modificou as representações de Rita sobre as suas escolhas, ela como mulher não queria o casamento, pois o considerava como um cativo, no entanto, quando o português a convida para morarem juntos ela diz:

“Sim, sim meu cativo! respondeu a baiana, falando-lhe na boca; eu quero ir contigo; quero ser a tua mulata, o bem do teu coração! Tu és meus feitiços! (AZEVEDO, Cáp. XV).

Rita não é um ser determinado, ela se faz em quanto sujeito a partir de suas angústias, desejos e mudanças, ela não modifica apenas o comportamento de Jerônimo, mas também transforma as suas concepções de vida e de seu corpo. E a parte da obra que narra bem essa troca de afetos e impulsos que constitui uma troca de desejos íntimos e não apenas uma apropriação do sujeito como objeto é à parte em que o autor narra com mínimos detalhes a cena do primeiro contato sexual do casal:

“(…) Depois, atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doido.

Jerônimo, ao senti-la inteira nos seus braços, ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira, ao sentir inundar-lhe o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria da cabeleira da mulata, ao sentir esmagarem-se no seu largo e peludo colo de covoqueiro os dois globos túmidos e macios e, nas suas coxas as coxas dela, sua alma derreteu-se fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescendo, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia eterna, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno.

E com um arranco de besta-fera caíram ambos prostrados, arquejando. Ela tinha a boca aberta, a língua fora, os braços duros, os dedos inteiriçados e o corpo todo tremer-lhe de cabeça aos pés, continuamente, como se estivesse morrendo; ao passo que ele, de súbito arremessado longe da vida por aquela explosão inesperada dos seus sentidos, deixava-se mergulhada numa embriaguez deliciosa, através da qual o mundo inteiro e todo o seu passado fugiam como sombras fátuas. E, sem consciência de nada que o cercava, nem memória de si próprio, sem olhos, sem tino, sem ouvidos, apenas conservava em todo o seu ser uma impressão bem clara, viva, inextinguível: o atrito daquela carne quente e palpitante, que ele, em delírio apertou contra o corpo e que ele ainda latejar-lhe debaixo das mãos, e que ele continuava a comprimir maquinalmente, como a criança que, já dormindo, afaga ainda as tetos em que matou, ao mesmo tempo, a fome e a sede com que veio ao mundo”. (Cáp.XV).

Embora o ato sexual seja apresentado como um cunho de fortalecimento aos estereótipos da mulata, percebemos que ambos trocam carícias que estão presas em seus íntimos, pois Rita não é a única a proporcionar prazer, ela também sente com toda força as práticas do seu amado. Os modelos apresentados para a confecção da mulher/negra é uma construção cultural e não algo determinado por natureza, afinal de contas, até mesmo a noção de construção da naturalidade é uma construção histórica.

Rita Baiana: construção cultural

Com a finalidade de retratarmos o corpo feminino e os seus estereótipos construídos a partir de seu comportamento, destacamos antes a vida do autor Aluísio Azevedo, pois o último aborda em suas obras algumas características do contexto social. Além disso, a representação da história crítica e a literatura serviram como ilustração do contexto histórico e as relações sociais da época retratada no livro, traçando uma análise histórico-literária como uma forma de problematizar os movimentos sociais e as relações de poder sobre o corpo⁷. Além do mais, Rita quebra com o sentimento proposto para o comportamento feminino, pois embora esteja apaixonada por Jerônimo ela não coloca o matrimônio em primeiro lugar e isso desconstrói a figura frígida que molda as mulheres.

O prazer não é uma forma leviana de se mostrar no lugar social em que se circula e isso é bem apresentado quando a nossa personagem faz as suas escolhas; a mulher na visão de Rita tem que se constituir a partir de seus íntimos desejos e não apenas obedecer às regras ditadas pela sociedade que insiste em manter o controle do corpo como forma de manter o poder.

Vale ressaltar que mesmo conseguindo uma mobilidade no campo das práticas sexuais, ela ainda é recriminada pelos indivíduos que a cercam. Mesmo não fazendo parte de uma classe econômica favorecida, ela ainda se vê presa aos costumes de uma época marcada pelo sistema patriarcal e escravista que alicerçaram as relações sociais e forneceram as desigualdades na vida social no Brasil no século XIX. Embora o escritor demonstre no decorrer de sua obra literária as características, práticas e costumes das mulheres será a figura feminina oposta às regras da sociedade que dará dramaticidade ao enredo e será Rita a responsável pelos questionamentos indagados no percorrer das entrelinhas.

Sendo assim pensamos Rita, como uma figura que explícita bem a quebra de uma conduta levada como padrão, pois esta consegue desassociar o casamento ao ato sexual. O sexo é então uma transpiração, uma contínua busca de liberdade, uma representação do oculto, mas, que quando mostrado de maneira aberta pela feminilidade se torna deslocado no campo social.

E esse deslocamento deve ser problematizado nos discursos que criam papéis para os sujeitos em quanto produtores de suas subjetividades, além do mais, a figura de uma mulher pobre, negra e livre numa sociedade vinculada ao interesse econômico em meio de uma crise burguesa que coloca a figura dos brancos como os únicos a circulararem nesse cenário e bem mais desafiador, sem falar que essa mulher ainda consegue fazer com que seu corpo sinta os impulsos que sua mente quer, sem que isso para ela seja associado ao caráter de uma profanação.

Notas finais